**OS DESAFIOS PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DA GRAMÁTICA EM SALA DE AULA**

Juliane da Silva Figueirôa[[1]](#footnote-1)

(Residência pedagógica- Upe Mata Norte)

Laiza Beatriz Nascimento de Souza[[2]](#footnote-2)

(Residência pedagógica- Upe Mata Norte)

Maria Eduarda da Silva Lima[[3]](#footnote-3)

(Residência pedagógica- Upe Mata Norte)

Prof. Diana Maria de Andrade Silva Moura Coutinho4

(Residência pedagógica- Upe Mata Norte)

**RESUMO**

O presente trabalho parte de um relato de experiência, que abordar de forma concisa alguns dos desafios encontrados, no que tange às aulas de gramática. Este trabalho é fruto das experiências obtidas no Programa da Residência Pedagógica de Língua Portuguesa, da UPE, *Campus* Mata Norte. Iremos explanar algumas das aulas de língua Portuguesa, cujos conteúdos eram relacionados à gramática. Buscamos descrever os resultados destas aulas; explanando as metodologias utilizadas e descrever quais foram as maiores dificuldades dos discentes e docentes, no que se refere a estes conteúdos.

**Palavras-chave**: Gramática. Ensino. Aprendizagem.

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho, busca analisar quais metodologias foram/são eficazes para o ensino/ aprendizagem da gramática no contexto escolar, tanto no ensino Fundamental Anos Finais, quanto no Ensino Médio, em turmas diversas. Como bem se sabe, há uma grande problemática acerca do assunto, alguns defendem que não se deve ensinar gramática, outros que se deve ensinar e ainda os que afirmam que a mesma deve ser ensinada de modo contextualizado. Porém, essa é uma grande dificuldade, tanto para discentes, quanto para docentes, aprender e ensinar respectivamente, a gramática contextualizada. O trabalho está divido em tópicos, nos quais, cada residente relatou sua própria experiência. Como marco teórico foram utilizados nomes como: ANTUNES, conhecida por ser estudiosa do ensino de gramática e TRAVAGLIA, conhecido por seus estudos nas áreas gramaticais. Este trabalho se justifica pela necessidade de estudos na área do ensino de língua Portuguesa, sendo específico neste caso, no ensino de gramática.

**EMPREGO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM NO ENSINO MÉDIO**

**EXPERIÊNCIA NO 3 º ANO:**

No que tangeu as duas aulas referentes às figuras de linguagens no terceiro ano do ensino médio, grande parte dos/das discentes já tinham consigo o conhecimento prévio de algumas das figuras mais populares e utilizadas no meio social, tais como: metáforas, ironia e onomatopeia. Mediante a essas condições, foi abordado princípios básico das mesmas e aprofundamento maior nas demais, as quais eles/elas não sabiam precisamente suas respectivas definições e utilidades. Tendo em vista o curto período de tempo para ministrar o conteúdo, após esclarecer as demais figuras e exemplificar todas elas, foi solicitado à reescrita de algumas frases com suas respectivas figuras correspondentes; como também questão aberta para exemplificar figuras de linguagens mais livres como, por exemplo, as onomatopeias. Mesmo sendo duas aulas com apenas 50 minutos cada, tornou-se muito proveitosa/produtiva, para nós enquanto professoras em formação e para os/as discentes, tendo em vista que os/as alunas, em sua maioria, são desconcentrados e desmotivados, e “confessam”, se assim podemos dizer, que já estão por acabar o ensino básico e que não dará mais tempo de aprender nada, só querem agora pegar o “diploma”, ou seja, a ficha 19.

**EXPERIÊNCIA NO 1 º ANO:**

No programa da Residência Pedagógica devemos ministrar aulas de variados assuntos. Importante salientar que estas aulas são muito importantes para enriquecer nosso arcabouço de conhecimentos e também para sabermos como os conteúdos são desenvolvidos no dia a dia; como os discentes reagem a eles, como de fato eles são/podem ser vivenciados, uma vez que, muitas vezes, nas aulas da universidade, ficamos apenas no plano teórico.

Em uma dessas experiências em sala de aula, tivemos a oportunidade de ministrar aulas sobre Figuras de linguagem, no primeiro ano do ensino médio. A aula na verdade, era de continuação da professora regente, já que ela já havia ensinado uma parte do conteúdo naquela turma. Algumas das figuras de linguagem trabalhadas foram: aliteração, assonância, sinestesia, pleonasmo e anáfora, por exemplo. As aulas ocorreram nos moldes tradicionais no que tange os recursos, devido à falta de data shows. Existem alguns na escola, porém são poucos e nem sempre funcionam do modo esperado. Justamente pelo fato de serem poucos, os professores e professoras regentes têm prioridade. No primeiro momento da aula, foi perguntado se os alunas e alunas tinham algum conhecimento das figuras de linguagem em questão, como por exemplo: assonância, aliteração, sinestesia, etc. A maioria dos discentes não possuíam conhecimento sobre o assunto, uma discente até chegou confundir sinestesia e metáfora. Nesse momento, foi explicada a diferença entre as duas. Dando continuidade a aula, foi copiado no quadro os conceitos das figuras de linguagem que seriam trabalhadas, seguidos dos respectivos exemplos. Nesse dia, os discentes encontravam-se muito agitados, foi pedido várias vezes que eles fizessem o mínino de silêncio e copiassem no caderno o que estava no quadro.

No segundo momento, foi explicado o que estava no quadro, ou seja, os conceitos das figuras de linguagens. Sempre buscando associar os conceitos aos exemplos. No momento em que ocorria a explicação, sempre era perguntado se eles conseguiam compreender; a resposta, que nem sempre vinha de todos os alunos e alunas, era que sim. Ao final da explicação, quando foi dito que iria ser passado um exercício e que se possível eles deveriam responder em classe, muitos alegaram que não haviam compreendido bem o assunto. Nesse momento, foi explicado mais uma vez, tentando enfatizar os principais aspectos e tentando também explicar de modo diferente. Pois, como bem sabemos, quando um aluno(a) não compreende o conteúdo da forma que o professor ou professora explicou, este(a) deve se adequar ao discente, buscando novas formas de explicação. Depois desse momento, os que haviam dito que não conseguiram compreender, afirmam agora que já conseguiam.

No terceiro momento foi passado um exercício no quadro e pedido que eles copiassem e, em seguida, respondessem. O exercício continha várias questões que procuravam contextualizar o conteúdo. Por exemplo, tinham uma questão que continha um trecho de uma música de Carlinhos Brown e Marisa Monte, intitulada “Segue o seco”. Nessa questão, os alunos e alunas deveriam identificar que tipo de figura de linguagem podia ser encontrada ali, e o mais importante, refletir sobre o motivo da mesma estar sendo utilizada na música e que sentido a figura de linguagem encontrada, provocava. Foi perceptível que nessa questão, tiveram mais facilidade em reconhecer/identificar o tipo da figura de linguagem que estava posta na música do que refletir sobre o motivo e o sentido que a mesma provocava. Nesse ponto, foi necessário que a professora residente tentasse promover um momento reflexão com a turma sobre a questão, que os instigasse. Depois de um tempo de reflexão, os discentes conseguiram desenvolver suas respectivas respostas. Talvez essa dificuldade de responder a questões que promovam maior esforço de refletir, ocorra justamente pelo fato dos alunos e alunas não estarem acostumados a refletir sobre a língua e seus usos. Foi perceptível também, que a figura de linguagem pleonasmo, os discentes compreenderam de modo mais rápido em relação às outras. Provavelmente, esse fato ocorreu por essa figura de linguagem ser mais recorrente no nosso dia a dia; os discentes apresentaram vários exemplos que tinham conhecimento. No começo, disseram que não tinham conhecimento sobre nenhuma daquelas figuras, porque não sabiam as nomenclaturas gramaticais. Mas no momento em que foi explicado e mostrado alguns exemplos, mostraram ter vasto conhecimento dessa figura de linguagem. O fato das demais figuras de linguagem serem mais recorrentes em textos literários, por exemplo, faz com que os discentes não tenham muito conhecimento sobre elas. A partir daí, emerge a necessidade de fazer com que nossos alunos e alunas tenham acesso a vários tipos de leituras, de gêneros textuais etc. De modo que compreendessem que seu conhecimento seja o mais diversificado possível.

O objetivo geral dessas aulas era que: os alunos pudessem compreender algumas figuras de linguagem. Os objetivos específicos: que conseguissem reconhecer/identificar as figuras de linguagem nos textos; que refletissem acerca do uso dessas figuras, se elas ocorriam de modo gratuito e qual a sua intenção. As metas de aprendizagem: analisar e distinguir os processos figurativos da linguagem. Importante destacar, que as metas de aprendizagem estão alinhadas ao currículo de Pernambuco, que é o documento que a escola tem por base para nortear os conteúdos que devem ser trabalhados em cada bimestre.

**USO DE JOGOS PARA CONHECIMENTOS GRAMATICAIS BÁSICOS NO ENSINO MÉDIO**

Como já mencionado anteriormente, os alunos e as alunas, em sua maioria, são bem desmotivados, podemos observar nitidamente esse aspecto a partir do ensino médio, pelo fato que eles/elas já se acham adultos suficientes e por sempre estarem desconectado do que realmente vem a ser a escola/aula, acabam “empurrando com a barriga”, porque em suas concepções não têm mais jeito. A defasagem no ensino pública é notória, pensando nesses aspectos aliado as nossas observações feitas na escola no período de 2018.2, quisemos trazer princípios básicos da gramática para buscar resgatar os conhecimentos básicos que eles/elas tinham da gramática e assim, prosseguir para conteúdos que exigem maior atenção, como por exemplo, o emprego da crase, acentuação gráfica e pontuação. O jogo deu-se pela divisão da sala em dois grandes grupos. Cada grupo nomeou-se e tinha um líder que ele ou ela, com a ajuda dos demais, tinham a função de responder corretamente as perguntas. Quem respondesse primeiro, ganhava à pontuação, no final, a equipe vencedora recebeu um prêmio simbólico como forma de incentivar a participação de dinâmicas e momentos interativos em sala de aula. O quadro abaixo trará alguns dos exemplos das perguntas realizadas no jogo:

|  |
| --- |
| 1. Qual das palavras abaixo vem a ser um verbo?
2. Geladeira
3. Madeira
4. Correr
5. Família
6. Pássaro
7. Qual das palavras abaixo se trata de dois adjetivos que podem ser usados para uma menina?
8. Linda
9. Flor
10. Menina
11. Delicada
12. Mariana
13. Tenho classificações em: comum, coletivo, próprio, concreto, simples, abstrato etc., eu sou?
14. Verbo
15. Substantivo
16. Adjetivo
17. Pronome
18. Numeral
 |

Após o término do jogo, com cerca de 15 perguntas, foram explicadas ao longo das alternativas o porquê de cada resposta e quando eles/elas erravam a alternativa, foi ensinado porque determinada alternativa não correspondia a pergunta. Tratou-se de uma atividade de rápida elaboração e simples, porém bastante produtiva. O resgate a esses princípios básicos da gramática durou duas horas aulas, todavia é um pouco dificultoso trabalhar gramática em sala de aula, independente do ano, principalmente por não termos tanta segurança em determinados conteúdos e até mesmo por não gostar tanto da gramática, porém é o conteúdo mais solicitado pelas professoras para as nossas regências. Vale salientar que quando trazemos atividades desse tipo, em sua maioria, há críticas pelo fato que os/as próprias alunas e alunos só considerarem aula o método tradicional utilizado por 99% dos/das professoras; quadro branco e piloto com anotações. Além de ter o desafio de ensinar a gramática, há críticas quando não damos aulas relacionadas com ela.

**ACENTUAÇÃO GRÁFICA NAS TURMAS 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

A experiência de trabalhar acentuação no nono ano, dando ênfase a crase foi bastante proveitosa, maioria dos/das discentes já tinham conhecimentos prévios sobre os conteúdos, porém ainda sentiam dificuldade com a crase. A regência com esses conteúdos durou duas aulas. Fizemos uma dinâmica rápida com palavras diversas e algumas frases e eles/elas tinham a tarefa de indicar qual o acento correto e o porquê daquela acentuação em determinada palavra. Após as explicações e a rápida dinâmica, utilizamos um texto sem nenhuma acentuação e pontuação e os/as discentes tinham que corrigir esse texto. No final, após a atividade textual, houve uma correção em conjunto e pela nossa concepção, não ficaram dúvidas em relação ao conteúdo, tendo em vista que 90% da turma respondeu corretamente a atividade.

**USO DOS PRONOMES COM ÊNFASE EM PRONOMES DE TRATAMENTO NAS TURMAS DO 8º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Os usos dos pronomes, incluindo os de tratamento são considerados conteúdos de fácil compreensão e não é tão extenso, pensando nisso, ao invés de levar apenas a definição dos pronomes e a lista de todos os pronomes de tratamento que, em sua maioria, as professoras nos fazem decorar um por um, resolvemos levar um texto que trata de uma conversa de um viajante com diversas autoridades e as formas de tratamento que ele usava para se referir a cada uma delas, desde sua mãe, amigos, pessoas mais velhas, pastores e presidentes. Após a leitura do texto, escrevemos no quadro uma pergunta: “o que há de diferente na fala do viajante quando ele fala com sua mãe e o presidente?” a pergunta demorou um pouco para ser respondida, pois eles/elas não são levados constantemente às reflexões, estão acostumados/acostumadas com respostas prontas. Depois de incitar a pergunta, uma aluna respondeu: “o jeito que ele fala é quase igual, mas ele usa senhora e vossa excelência”. Após a resposta perguntamos: “alguém sabe o nome dessa forma de tratamento com a qual ele fala com as pessoas?”, ninguém soube responder. Quando dissemos que eram os pronomes de tratamento, a maioria conseguiu resgatar esse conhecimento e assim fomos discutindo as pessoas dos pronomes para: príncipes, amigos, papas etc. e eles/elas foram respondendo os pronomes que sabiam. Explicamos um a um, seus usos e discutimos a transformação que está havendo na língua portuguesa em relação aos pronomes de tratamento, como por exemplo, o uso do “tu” e “você”. Finalizamos a aula com uma atividade para casa para eles/elas pesquisarem os pronomes de tratamento de cardeais, juízes, reitores, reis e moças solteiras. Como não tivemos mais aulas para retomar o conteúdo nas turmas, avisamos a professora regente das salas e ela ficou de recolher a atividade e corrigir com os/as alunas, e assim foi feito.

**ENSINANDO A GRAMÁTICA DE UM JEITO DIFERENTE**

Os professores e professoras de língua portuguesa, mais do que ninguém, sabem o quanto a gramática pode ser exaustiva e complicada quando se trata de ensiná-la. O assunto que nós trabalhamos em maio deste ano (2019), no 7ºano, foi “verbos”. Muitos docentes sentem dificuldade de aplicar a gramática ao texto, talvez, por também terem sido educados de maneira tradicional pelos seus mestres quando eram alunos, ou seja, por meio da gramática normativa, essa que:

...é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, da norma culta de uma língua, norma essa que se tornou oficial. Baseia-se, em geral, mais nos fatos da língua escrita e dá pouca importância à variedade oral da norma culta, que é vista, conscientemente ou não, como idêntica à escrita. Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e lexicais), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como sendo a língua verdadeira. (TRAVAGLIA, 2003, p.30).

Como residente de língua portuguesa, ainda não nos formamos, dessa forma, existem cadeiras que ainda iremos pagar, por isso nos sentimos inseguros quando estamos em sala de aula, visto que ainda estamos adquirindo experiências. Mas como aluna da Universidade de Pernambuco do *Campus* Mata Norte, aprendemos que gramática não deve ser ensinada de maneira tradicional. Dessa forma, quando nos foi imposto o assunto da aula, e vimos que era verbo, quisemos tentar pensar em uma ideia, cuja aula não fosse chata nem para nós. Confessamos não gostar tanto de gramática, nem também os discentes. Todavia, tínhamos um problema, os alunos eram muito dispersos, só faziam silêncio total se estivessem copiando algo do quadro, então o desafio era em dobro – como fazê-los prestar atenção, se nós não queríamos somente copiar? Afinal os alunos estavam tão acostumados à maneira tradicional, que talvez nem conseguissem entender o que estávamos querendo dizer. Contudo, elaboramos um plano de aula e fomos seguindo-o. Primeiramente, chegamos já conversando com eles, assuntos normais do cotidiano, eles já foram perguntando se iriam copiar muito; outra característica desses jovens é que, apesar de só ficarem quietos quando copiam, controversamente, eles odeiam copiar, pois todos os professores passam nem que seja um exercício no quadro, todos mesmo, sem exceção, afinal, é uma maneira de fazê-los se comportarem.

Em seguida, pedimos dois voluntários corajosos, sem dizer o porquê. Isso já foi aumentando a curiosidade dos demais que começaram a se calar aos poucos. Foram dois voluntários, um menino e uma menina. Antes de começar com um jogo, pedimos silêncio e explicamos as regras:

1. A primeira regra era: façam tudo o que eu vou pedir;
2. A segunda: não questionem minhas regras;
3. A terceira: o primeiro que errar, perde.

Regras explicadas, iniciamos o jogo. Os dois alunos ficam à frente da turma, para que todos pudessem vê-los. Como a sala era bastante apertada, não pudemos pedir que fizessem uma roda, mal tinha espaço para o docente circular na sala, mas o ideal era que o fizessem. Começamos a dar as ordens: “agachem!”, “levantem!”, “sorriam!”, “gritem!”, “corram!”, “parem!”, “andem!”, “voltem!” etc. Começamos lentamente, depois fomos aumentando o ritmo, até que ficassem em um nível que eles se atrapalhassem com as ordens e errassem. Após termos feito isso e esperado uns minutos até a turma se acalmar e diminuir as risadas, iniciamos com as perguntas sobre o assunto, eles ainda não tinham percebido que aula tinha começado, responderam de forma livre e se divertindo: A primeira pergunta foi, se eles sabiam o que tinham feito; alguns falaram que brincaram, outros falaram que seguiram ordens, continuamos com esses raciocínios, “brincar e seguir ordens, são o que?”, perguntamos e foram respondendo livremente, dizendo que são ações. Foi assim que nós introduzimos o conceito mais geral de verbos: são palavras que representam ações, fenômenos e estados da natureza. “Mas e chover? Chover é verbo?” Perguntamos e responderam que sim e foi a partir daí que vimos a oportunidade de inserirmos no assunto, as flexões que os verbos podem ter.

O assunto de verbos, para o sétimo ano, é um pouco extenso, e bastante importante. No sexto ano, eles veem o assunto de maneira mais superficial, é no ano seguinte que o assunto “aprofunda”, afinal, segundo a BNCC de Pernambuco, como uma das metas de aprendizagem dos alunos é empregar regras de concordância verbal, dos gêneros da esfera pública na produção de textos escritos, portanto entrava também no assunto, os tempos verbais assim como as maneiras de flexionar o verbo.

A partir do momento em que os alunos perceberam que o assunto foi ficando mais sério, quiseram voltar a conversar, mexer no celular, querer sair da sala para ficar andando pela escola, então nós fizemos um acordo com eles, que não iríamos copiar textos enormes no quadro nem passar exercícios, se eles interagissem com aula, eles concordaram, pelo menos no primeiro momento, então voltamos a explicar o assunto. A escola tem um problema no que se refere à recursos, tais como, falta de projetor, só tem um, mas é uma burocracia gigantesca para conseguir agendar uma ida a sala de vídeo; as salas também não têm uma refrigeração muito boa, salvo algumas que foram instalados recentemente ar-condicionado. O quadro da sala que mencionamos é completamente arranhado; a escola também não disponibiliza impressão de atividades, os professores têm que tirar do próprio bolso. Foram esses e outros motivos que fizeram com que nós utilizássemos o quadro, mas só escrevemos o que era necessário para a fixação do assunto.

Explicamos como os verbos podem flexionar (modo, tempo, número e pessoa), nada melhor do que explicar a língua utilizando-se da própria língua, afinal ela já está internalizada dentro de nós, a compreendemos mas só não temos consciência disso ainda. Um exemplo disso é que sempre quando falamos, usamos o adjetivo após o substantivo, nunca antes, a não ser por estrangeiros que não são acostumados com a língua portuguesa, é o que Travaglia (2002) afirma quando diz que:

Nesse caso saber gramática não depende, pois, em princípio de escolarização, ou de quaisquer processos de aprendizado sistemático, mas da ativação e amadurecimento progressivo, na própria atividade lingüística, de hipóteses sobre o que seja a linguagem e de seus princípios e regras. Não existem livros dessa gramática, pois ela é o objeto da descrição, daí porque normalmente essa gramática é chamada de gramática internalizada. (TRAVAGLIA, 2002, p. 28-29).

E foi exatamente isso o que aconteceu com os meninos do sétimo ano, para aplicar a gramática ao texto, mostramos vários exemplos de frases e enunciados que todos nós utilizamos no nosso dia a dia. Mas antes de tudo isso, perguntamos se eles sabiam quem eram as pessoas do caso reto e, para nossa surpresa, eles sabiam sim e acertaram todas e acertaram também quando pedimos que nos dissessem entre as pessoas do plural, qual a que nós (principalmente os nordestinos), estávamos deixando de falar, “o vós, professora?”, “o nós também, professora?”, na verdade, não tínhamos parado para perceber que o “nós” no nordeste estava sendo trocado pelo “a gente”, então sem mais nem menos, começamos a discutir algumas características da maneira nordestina de falar, - quem diria que dentro de um assunto de gramática, entraríamos em variação linguística também, - essa é a vantagem de usar a língua para explicá-la, é o que liberta o professor ou professora da tradição metodológica, em que ele se deixa aprisionar pelo ensino da gramática como um fim em si mesmo, como vemos em Travaglia (1990).

Para explicar-lhes os tempos verbais, também nos apoiamos nas frases, após mostrar os exemplos, comentamos os conceitos e pedimos que eles nos dessem exemplos de cada um dos tempos verbais que apresentamos na aula. Damos um tempo para que pensassem, quando eles começaram a responder, percebemos que dentre todos os assuntos ligados ao verbo, esse e os modos foram os que mais eles sentiram dúvidas, então explicamos novamente, de uma maneira que eles já estavam acostumados, a maneira tradicional. Apesar de ter dado os conceitos tradicionalmente, eles ainda não compreenderam bem, então voltamos aos exemplos, fomos falando exemplos que todos nós usamos no cotidiano, eles foram compreendendo aos poucos.

O tempo de duração do assunto foi de seis aulas. Gostaríamos de ter continuado com o assunto para abrir mais leques de outros assuntos por via deste, porém aconteceram alguns imprevistos e festividades da escola que não permitiram que nós continuássemos. Se tivéssemos uma nova oportunidade para voltar ao assunto na mesma sala, dessa vez levaríamos um som como recurso; pediríamos que eles escolhessem uma música, falassem dessa música, depois nos mostrassem algumas palavras que estejam empregadas como função de verbos. Após isso, para que eles reescrevessem essa parte da música com uma flexão verbal diferente das que estavam e as aulas seguiriam com a predominância da oralidade, com alguns exemplos no quadro para agregar a conversa/aula de uma maneira natural, não tradicional.

A pesar de algumas interrupções por fatores externos, conseguimos concluir de certo modo o assunto na sala, mas como falamos anteriormente, gostaríamos de ter dado continuidade, mas as metas foram alcançadas de forma eficiente. O assunto de verbos foi dado, mas não de uma maneira chata e tradicional, mas de forma divertida e curiosa, que ajudou a prender a atenção dos alunos, pelo menos por um bom tempo, mas para que eles não se acostumem com os métodos simples e tradicionais é necessário que primeiramente, os professores tenham um melhor acesso a recursos, para que tenham um conforto maior, na hora de ensinar, pois afirmamos que para o profissional que precisa todo dia está se reinventando e criando novas maneiras de ensinar gramática a falta desses recursos prejudica no processo da educação, pois sem eles, torna-se mais difícil, acaba prejudicando também os alunos. Então, se um professor, quiser passar uma ficha de atividades, ele tem duas maneiras, ou tira do próprio bolso, o que é complicado, pois cada professor não só leciona em uma turma e cada turma que ele ou ela leciona tem em média 30 alunos, porém nós vimos diversas vezes as professoras trazendo da própria casa as fichas e elas as reutilizam nas outras salas; a outra opção é cobrar dos alunos, o que é pior ainda, pois a realidade de cada estudante varia, não são todos que podem bancar as cópias xérox necessárias.

**EXPERIÊNCIA COM CONTEÚDOS DE GRAMÁTICA NO OITAVO E NONO ANO.**

As experiências aqui relatadas ocorreram no oitavo e nono ano do ensino fundamental. Tivemos a oportunidade de ministrar aulas pouco mais de um mês nas turmas de uma professora de língua Portuguesa, na escola, em que é realizada o Programa da Residência Pedagógica. Importante salientar, que nesse tempo que ministramos aulas nessas turmas, tivemos a oportunidade de ministrar conteúdos apenas relacionados à gramática. Foi perceptível que essa era a área que a professora mais focava em suas aulas. Como afirma ANTUNES (2012) a população em geral, sobretudo, acredita que “estudar uma língua é estudar gramática”, “saber uma língua é saber gramática”, “analisar um texto é dar conta de sua gramática”, “aula de português tem que ser aula de gramática”. Infelizmente, muitos professores e professoras têm essa concepção. Mas, como bem se sabe, a gramática não é capaz de dar conta, de abarcar todos os fenômenos da língua. É importante que a mesma seja ensinada, estudada na escola sim, até porque é o ambiente escolar que é responsável por ensinar os conteúdos mais formais, possamos assim dizer. Porém, a gramática não deve/pode ser o foco das aulas de língua portuguesa.

Durante as aulas de língua Portuguesa ministradas nessas turmas, foi perceptível o quanto os alunos e alunas têm dificuldades de responder a questões que exigem maior reflexão e menos respostas mecanicistas. Em uma das aulas no oitavo ano, o conteúdo era sujeito e predicado verbal. No primeiro momento da aula, foram explicados os assuntos, sempre procurando partir de exemplos. No segundo momento da aula, foi passado um exercício, em uma das questões desse exercício, os discentes tinham que ler o diálogo de tirinhas. Depois de ler o diálogo, deviam responder a seguinte pergunta: considerando a resposta de Miguelito (personagem da tirinha) o que ele entende por sujeito? Miguelito associava sujeito a uma pessoa má, responsável por uma ação. Nenhum aluno/a na turma conseguiu responder a essa questão. Depois que a professora residente instigou os discentes, os levou a reflexão durante algum tempo, conseguiram chegar a algumas respostas. Diante desse impasse, fica evidente o quanto se faz necessário que os professores e professoras da disciplina de língua Portuguesa, instiguem os alunos e as alunas à reflexão. Pois só dessa forma os conteúdos poderão ser de fato aprendidos; aprender sem refletir não é aprender, é decorar. É papel da escola e do professor/a promover a reflexão.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As aulas de gramática são de grande importância no contexto escolar, no entanto, as aulas de língua Portuguesa não podem ter apenas esse foco. A gramática não é capaz de abordar/abarcar todos os fenômenos da língua, principalmente, quando essa abordagem se dá de maneira mecanicista e pouco reflexiva. Emerge a necessidade de aulas que abram mais espaço para a reflexão, para pensar sobre as normas e usos da língua. Muitas vezes os discentes veem os assuntos distanciados de sua realidade, porém, é trabalho do professor/a mostrar ao mesmo que essa é sua língua, que eles/as precisam ter um certo domínio no que se refere aos conteúdos gramaticais, pois estes conteúdos são porta de entrada para a ascensão social.

**REFERÊNCIAS**

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º grau. 1ª Edição. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Gramática:** ensino plural. São Paulo: Cortez, 2004.

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras:** o estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

1. [↑](#footnote-ref-1)
2. ¹ Juliane da Silva Figueirôa- Residente de língua portuguesa,graduanda em letras português e espanhol na Universidade de Pernambuco campus Mata norte.

² Laiza Beatriz Nascimento de Souza- Residente de língua portuguesa,graduanda em letras português e espanhol na Universidade de Pernambuco campus Mata norte.

³ Maria Eduarda da Silva Lima - Residente de língua portuguesa,graduanda em letras português e espanhol na Universidade de Pernambuco campus Mata norte.

4 Prof. Diana Maria de Andrade Silva Moura Coutinho- Graduação Letras/UPE especialista no Ensino de Língua Portuguesa ( pós) UPE. [↑](#footnote-ref-2)
3. [↑](#footnote-ref-3)